
PROPOSTA PEDAGÓGICA

GLOBAL A PARTIR DE

PROVÉRBIOS 6,20-23*

DOI 10.18224/frag.v32i1.12208

VALMOR DA SILVA**

KARLA GISELLE RODRIGUES DA SILVA***

Resumo: o artigo analisa a instrução sapiencial de Pr 6,20-23, como proposta pedagógica integral. Argumenta que esse texto proverbial faz parte de uma tradição sapiencial que se expressa em diversos textos da Bíblia Hebraica, especialmente no livro de Provérbios. Os quatro versículos analisados abrangem a educação pessoal, familiar e social. Essa proposta de sabedoria para a vida estabelece uma aliança que integra diálogo familiar geracional, amor afetuoso e racional, atividade de repouso e de trabalho, para se constituir num caminho de vida iluminado. Ao visitar um texto sapiencial antigo, o artigo visa lançar luzes sobre a proposta do Pacto Educativo Global e da Campanha da Fraternidade de 2022. Ao explicar os termos sapienciais do mundo bíblico, espera-se abrir novas inspirações para o processo pedagógico da atualidade.

Palavras-chave: *Provérbios 6,20-23. Instrução. Educação.*

Este artigo apresenta uma análise detalhada de Pr 6,20-23, no contexto do Pacto Educativo Global, proposto pelo Papa Francisco¹ e da Campanha da Fraternidade de 2022, proposta pela CNBB, sobre Fraternidade e Educação².

Para iluminar esse contexto, entre Pacto Educativo Global e Campanha sobre Fraternidade e Educação, a partir da mulher sábia que fala com amor misericordioso, o artigo abre uma janela sobre a literatura sapiencial, num pequeno texto do livro de Provérbios (Pr 6,20-23). Através dessa janelinha, entretanto, um universo de sabedoria se descortina, com relação à proposta educativa. Eis o texto (Pr 6,20-23), na tradução da Bíblia de Jerusalém (2012)³:

* Recebido em: 15.01.2022. Aprovado em: 15.03.2022.

** Pós-Doutor em Teologia (Bíblia). Doutor em Ciências da Religião. Mestre em Teologia Bíblica e em Exegese Bíblica. Graduado em Filosofia e em Teologia. Professor de Teologia e do Curso de Pós Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás. *E-mail*: lesil@terra.com.br.

*** Letróloga e Mestra em Ciências da Religião (Literatura sagrada). Professora de Linguagens e Coordenadora da Pastoral escolar no Colégio Externato São José-Goiânia. *E-mail*: karla.externato@gmail.com

²⁰ Meu filho, guarda os preceitos de teu pai,
não rejeites a instrução de tua mãe.
²¹ Leva-os sempre atados ao coração
e amarra-os ao pescoço:
²² quando caminhares, te guiarão;
quando descansares, te guardarão;
quando despertares, te falarão.
²³ Pois o preceito é uma lâmpada,
e a instrução é uma luz,
e é um caminho de vida a exortação que disciplina.

Os quatro versículos se apresentam como uma instrução sapiencial, no contexto familiar (v. 20), com a recomendação sobre o modo de guardar essa instrução amarrada ao pescoço (v. 21), como orientação para todas as ações diárias, incluindo caminhar, dormir e despertar (v. 22), constituindo-se, desse modo, como uma luz na caminhada da vida (v. 23). Trata-se de um roteiro que remete para vários outros textos similares, como será demonstrado nos comentários.

Como parte da tradição bíblica sapiencial, especificamente do livro de Provérbios, o texto visa a educação integral do ser humano, numa visão holística. Com relação à sabedoria de Provérbios (*Mischlei*), “há evidências de que a obra lida com uma pedagogia que considera as dimensões éticas, afetivas, sociais, culturais e intelectuais do ser humano de forma integral” (MIGUEL, 2013, p. 16).

A perícopa (Pr 6,20-23) pode ser classificada no gênero instrução. Tal gênero, por sinal, domina toda a coleção de Pr 1-9. “O gênero instrução se caracteriza pelo uso de imperativos, mediante os quais o mestre de sabedoria ordena, persuade e exorta” (MORLA, 2011, p. 14).

As instruções de filhos se estendem por vários provérbios, mas aqui a perícopa se encontra entre o elenco das sete coisas abomináveis (Pr 6,16-19) e as recomendações contra a mulher estranha, no texto subsequente (Pr 6,24-35)⁴. Sem estabelecer a conexão explícita com esse contexto literário, característica por sinal frequente no livro de Provérbios, faremos uma análise do texto em si, estabelecendo vínculos literários com outras passagens de Provérbios e da Bíblia Hebraica como um todo, na esteira da tradição sapiencial.

A tradução que segue, versículo por versículo, é literal, no sentido que procura manter a máxima fidelidade possível ao texto hebraico, respeitando a ordem das palavras e o seu significado (Bíblia Hebraica Stuttgartensia, 1967). Entre colchetes, mantemos as expressões que, graficamente, não existem em hebraico, por se tratar de uma língua semítica, mas que devem ser compreendidas conforme o idioma português⁵.

PRECEITO E INSTRUÇÃO NA FAMÍLIA

²⁰ Cuida, meu filho, [do] preceito [de] teu pai,
e não esqueças a instrução [de] tua mãe (Pr 6,20).

Este primeiro versículo, assim como os seguintes, é composto pelo paralelismo, a arte da poesia hebraica que rima o pensamento. Dessa forma, o segundo verso reafirma o que foi dito no primeiro, com expressões sinônimas. Assim como “cuida” e “não esqueças”, também estão em paralelo “preceito do pai” e “instrução da mãe”. Nesse sentido, os termos “preceito”

e “instrução” designam a mesma função para o pai e para a mãe, como corresponsáveis pela orientação geral do “filho”.

“Cuida” e “não esqueças” abrem uma série de imperativos com relação ao cuidado. As duas recomendações, uma positiva e outra negativa, expressam a mesma advertência para a corresponsabilidade.

“Cuidar” (*nšr*) engloba vários significados como guardar, preservar, livrar, vigiar, com referência a pessoas, a coisas, ou à conduta relativa aos preceitos, como neste caso (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 447). Tem como sinônimo o verbo “guardar” (*šmr*), usado logo em seguida, no v. 22b. Distinguímos os dois sinônimos, na tradução literal, como faz a Bíblia Tradução Ecumênica (1994), que interpreta o primeiro como “cuida bem” e o segundo como “velarão” (v. 22b).

“Cuidar” (*nšr*) e “guardar” (*šmr*) também podem significar tanto preservar quanto proteger do perigo. No contexto da sabedoria, referem-se à confiança e à observância, como o provérbio bem ilustra. Outras aplicações semelhantes, com relação a guardar com cuidado, se encontram em Pr 3,1.21; 4,6.13; 28,7 (WALTKE, 2011, p. 302).

“Cuidar” e “esquecer” estão em paralelo tanto em Pr 6,20 como em Pr 3,1, e se referem, naturalmente, à memória. “Cuidar” é a formulação positiva, enquanto “não esquecer” é negativa e equivale a lembrar. Esquecer significa abandonar, e se refere, no caso, a deixar de seguir a instrução sapiencial. Noutro provérbio, é associada a não esquecer a aliança (Pr 2,17).

“Meu filho”, literalmente “filho meu” (*bēni*) indica, aqui, a relação familiar, embora possa designar, no âmbito sapiencial, a relação entre mestre e discípulo (GARMUS, 2005, p. 37). Além do intelectual, essa relação familiar envolve o aspecto emocional, de filhas e filhos com o pai e, especialmente, com a mãe. Essa relação com filho se repete indefinidamente no livro de Provérbios, especialmente na coleção de Pr 1-9. Trata-se de uma chamada exortativa, quase estereotipada. Por vezes, é acompanhada com o verbo “escutar” (*šm‘*). Com “filhos”, no plural, só ocorre uma vez em Provérbios, “escutai filhos” (Pr 4,1) (PINTO, 2006, p. 36).

“Preceito”⁶ (*miš‘wah*) do pai e “instrução” (*torah*) da mãe, em paralelismo, figuram como sinônimos e designam a mesma função para o pai e para a mãe. Embora possam ser termos técnicos, em outras passagens, principalmente no Pentateuco (*Torah*), aqui designam as instruções em geral. Ambas as palavras, preceito ou instrução, se aplicam tanto ao pai quanto à mãe, de maneira intercambiável. Enquanto aqui a mãe fala a *torah*, em Pr 4,2 *torah* é atribuída ao pai (FOX, 2000, p. 228).

A presença da mãe que instrui, no livro bíblico de Provérbios, é frequente e representa uma novidade com relação aos textos paralelos do Egito e da Mesopotâmia. Esse dado único, no antigo Oriente Próximo, apoia a interpretação do contexto familiar para a educação, neste, como em outros textos (ESTES, 1997, p. 48). “A menção à *mãe* merece uma observação: as mães de família tinham elas também, um papel de ensinamento, ao lado dos *pais* e dos *sábios*” (LELIÈVRE; MAILLOT, 2000, p. 31).

O uso de pai e mãe, em Provérbios, obedece à seguinte estatística: pai e mãe, sempre nessa ordem, são citados treze vezes (1,8; 4,3; 6,20; 10,1; 15,20; 17,25; 19,26; 20,20; 23,22.25; 28,24; 30,11.17); pai e mulher, duas vezes (19,13.14); só mãe, duas vezes (29,15; 31,1) (LISOWSKY, 1993). Essa última menção é importante, pois a mãe sábia é a mestra que ensinou princípios de governo a seu filho Lamuel, rei de Massa.

Outras instruções semelhantes ao versículo em análise se encontram na primeira coleção do livro de Provérbios (Pr 1-9). Logo no início, a primeira instrução se abre de maneira bas-

tante similar, exortando o filho a escutar o ensinamento do pai e da mãe: “Escuta, meu filho, a disciplina (*mûsar*) do teu pai, não desprezes a instrução (*torah*) da tua mãe” (Pr 1,8).

Ainda mais próximo, pelo paralelismo das palavras, é o que atribui instrução e preceitos ao pai em Pr 3,1 (semelhantes instruções podem ser conferidas em Pr 4,2 e 7,2)⁷: “Meu filho, não esqueças (*škh*) minha instrução (*torah*). Guarda (*nšr*) no coração os meus preceitos (*mišwot*)” (Pr 3,1).

A família, nos tempos bíblicos do Antigo Testamento, possuía, em geral, sentido mais amplo que o modelo pai, mãe e filho ou filha. Fundar uma família era “construir uma casa”, sendo em geral chamada “casa do pai” e, em alguns casos, “casa da mãe”. Os laços de sangue tinham importância fundamental, mas a família reunia parentes de graus diversos e podia incluir servos, residentes estrangeiros, viúvas e órfãos. Uma família extensa podia compor-se de 50 a 100 pessoas. Várias famílias constituíam um clã, e a reunião de vários clãs formava uma tribo (GARMUS, 2005, p. 30-31)⁸.

A família era o principal ambiente para educação. Essa tarefa cabia, em primeiro lugar, ao pai e à mãe, mas podia ser competência, também, de outros parentes. Os primeiros cuidados da criança eram responsabilidade da mãe. Mas a instrução, assim como a transmissão da fé, eram tarefas de pai e de mãe (GARMUS, 2005, p. 32-33).

PRECEITO E INSTRUÇÃO SOBRE O CORAÇÃO

²¹Liga-as sobre teu coração continuamente,
amarra-as sobre teu pescoço (Pr 6,21):

Na sequência da série de imperativos, após a chamada de atenção inicial, para cuidar do preceito do pai e da instrução da mãe (v. 20), agora vem a recomendação específica sobre o modo como proceder. Em seu sentido geral, o versículo aponta para a metáfora da tábua dependurada ao pescoço, na qual se escreviam as lições. Em sentido específico, a inscrição na tábua indica para o modo como gravar os ensinamentos na memória.

“Ligar” e “amarrar”, no imperativo, expressam a execução positiva da instrução, através da imagem do cordão que ata o objeto a ser dependurado. “Ligar” (*qšr*) tem o sentido literal de atar, liar, usado para ligar a instrução ao peito e ao pescoço, assim como para ligar amor e fidelidade ao pescoço (Pr 3,3) e para ligar a instrução aos dedos (Pr 7,3) (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 595). “Amarrar” (*nd*) é o sinônimo que significa cingir, atar, só é usado duas vezes na Bíblia Hebraica, ambas para amarrar ao pescoço (aqui e em Jó 31,36). O versículo recomenda amarrar “continuamente” (*tamid*), outra palavra rara, que só ocorre aqui e em 5,19, na composição de Pr 1-9 (SKEHAN, 1946, p. 294)⁹.

“Coração” (*leb*) é uma palavra de significado amplo e de uso frequente na Bíblia Hebraica¹⁰. Em sentido físico, designa o coração como órgão interno ou víscera, bem como o peito, externo; em sentido figurado, se aplica a outros elementos da natureza, traduzido então como “centro”. Refere-se também à sede da vida consciente, com conotações como intimidade, memória, imaginação, atenção, inteligência, pensamento, vontade e emoção; e pode se referir ainda a atitudes, como integridade, lealdade e remorso. Tem como variante *lebab*, com sentido idêntico (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 333-337). No versículo em análise, coração está em paralelo com pescoço e, portanto, tem sentido físico, de coração, como traduzem as diversas Bíblias em português. Mas as recomendações de ligar e amarrar, o preceito do pai e a instrução da mãe, em paralelismo, privilegiam o sentido das faculdades humanas internas,

como conhecimento, memória e decisões (TESSAROLO, 2000, p. 30-31). Coração pode ser interpretado como sinônimo de memória, nessa passagem (Pr 6,21a), assim como em Pr 7,3, em que se recomenda atar os preceitos aos dedos, em paralelo com “escrever sobre a tábua do coração” (OESTERLEY, 1929, p. 78). Outra explicação distingue o coração em sentido próprio, como o órgão cardíaco; em sentido impróprio, como peito; e em sentido figurado, como inteligência, memória e sentimento. No versículo em análise (Pr 6,21a), o autor interpreta coração metaforicamente como memória: “A expressão imaginada é um convite a guardar fielmente na memória os preceitos paternos” (JOÛON, 1924, p. 49).

“Pescoço” (*gar^egarot*), literalmente, possui sentido inequívoco, mas significa também garganta. Ocorre em Pr 1,9; 3,3.22, além do nosso v. 21 (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 143). Coração e pescoço constituem dois órgãos com funções específicas, sendo: “o coração, o órgão das decisões, da vontade, do bom e do mau instinto, e a garganta, órgão da palavra” (LELIÈVRE; MAILLOT, 2000, p. 148).

A expressão “liga-as sobre o teu coração”, apesar do sentido claro, tem sido objeto de muita discussão¹¹. Para além da diferença sobre o significado literal de carregar sobre o peito ou gravar no coração, a discussão se estende sobre o sentido que o texto quer dar ao objeto a ser carregado sobre o peito ou ligado sobre o coração. Uma linha interpretativa associa o objeto a ser amarrado ao coração e ao pescoço como um pingente com função ornamental ou devocional. Para Fox (2000, p. 228-229) “quer dizer, ata-os como um pingente ou um amuleto num cordão em torno ao seu pescoço, para que estejam sempre próximos ao seu coração”. Miller Jr (1970) cita Kayatz, que vê o paralelo com os amuletos da deusa egípcia Maat, símbolo da sabedoria: “Uma imagem de Maat era usada no pescoço e uma das funções desse ornamento era oferecer *proteção* e a companhia de Maat” (MILLER JR, 1970, p. 130).

Outra linha interpretativa, à qual nos associamos, interpreta como uma tabuinha de madeira, espécie de lousa, dependurada com um cordão simples, para anotar as instruções e poder repeti-las de memória, a fim de internalizá-las no coração¹².

No início do livro de Provérbios, após 1,8 (repetido em 6,20), o versículo seguinte, 1,9 aplica metáfora semelhante, em que a disciplina do pai e a instrução da mãe devem figurar como “diadema de beleza na cabeça” e como “colar no pescoço”. “Beleza no pescoço” retorna em 3,22 e “diadema de beleza na cabeça” em 4,9. Trata-se de ornamentos, para filho ou discípulo, associados à instrução, como prêmio ou recompensa pelo bom aprendizado. “Pois será formoso diadema em tua cabeça, e colar em teu pescoço” (Pr 1,9).

A metáfora mais explícita, porém, é aquela que associa o objeto a ser dependurado com a “tábua do coração”. Essa imagem da tábua do coração possui um sentido externo, isto é, uma tabuinha dependurada sobre o peito para escrever, e um sentido interno, o âmago do coração para memorizar o escrito. A descrição se baseia na tabuinha real, feita de madeira, carregada por estudantes sobre o peito, com dois furos para fixá-la a um cordão, dependurada ao pescoço. Esse objeto externo remete, metaforicamente, para a memorização que deve ser apreendida internamente, no coração (COUROYER, 1983, p. 428): “O amor e a fidelidade não te abandonem, ata-os ao pescoço, inscreve-os na tábua do coração” (Pr 3,3).

Outro versículo, semelhante ao nosso, ilustra bem essa realidade, ao recomendar “escrever na tábua do coração”, em paralelo com “atar aos dedos”. Poderia se referir aos filactérios a serem amarrados, ou mesmo, indicaria, com a associação dedo-tabuinha, que os preceitos deviam estar “na ponta dos dedos” para serem escritos: “Ata-a aos dedos, escreve-a na tábua do coração”¹³ (Pr 7,3).

Entretanto, como anotado pela maioria dos autores, todo o nosso texto de Pr 6,20-23 é inspirado no Shemah Israel (ouve Israel!), a oração diária, especificamente com ressonâncias de Dt 6,7-8. “É muito provável que o autor de Pr 6 esteja imitando um texto bem conhecido e familiar” (ALONSO SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 218). Paralelo à nossa tábua amarrada sobre o coração, é iluminador o seguinte versículo, que associa coração e mão: “Tu as atarás também à tua mão como um sinal, e serão como um frontal entre os teus olhos” (Dt 6,8).

O coração é o centro da vida humana, simboliza a essência do ser humano. Na antropologia bíblica, o coração é o órgão das decisões, o que inclui o aspecto afetivo e também o racional (WOLFF, 2014, p. 37-47). “Na antropologia bíblica, o coração controla o corpo, suas expressões faciais (Pr 15,13), sua língua (15,28; 12,23) e todos os seus outros membros (4,23-27; 6,18)” (WALTKE, 2011, p. 141).

Com essa visão unitária do coração, como sede de emoções e sentimentos, mas também de atividades racionais, Provérbios nos ensina a manter o foco sobre a educação integral, para abranger afetividade e racionalidade. “Sede do conhecimento, do pensamento, da sabedoria, o coração é, portanto, também o cadinho das intenções e dos projetos assim como da vontade que conduz a perseverar” (WÉNIN, 2011, p. 34).

Dada a importância central do coração, na vitalidade da pessoa, os Provérbios privilegiam a educação do coração. Essa educação se dá de maneira ativa, com insistência sobre ações de atar, escrever, guardar no coração. “O coração, portanto, fica convidado a acolher ativamente – *escreve-as* – o ensinamento divino” (SUÁREZ, 2010, p. 23).

Além de ser a sede do conhecimento, da memória e dos sentimentos, o coração expressa a própria personalidade, seja um coração malvado, seja um coração sábio. Nessa visão bíblica, o coração é o lugar do encontro do ser humano com Deus, o que aponta para uma teologia do coração. Nessa visão, pensamento e amor se fundem. “Na Bíblia o pensamento, quando é pensamento de Deus, é todo assinalado pelo seu amor infinito” (TESSAROLO, 2000, p. 39).

Na integração entre coração e aprendizado, Curtis (1986) remete para o contexto da literatura sapiencial, com seus três níveis de conhecimento, como proposta para a educação cristã. O primeiro nível é o da sabedoria humana, baseada na própria experiência, a partir da criação do mundo e do ser humano, e se expressa no saber fazer. No segundo nível se situa a sabedoria divina, o que supõe que Deus é o princípio da sabedoria, e a concede ao ser humano para integrar experiência (primeiro nível) e fé (segundo nível). O terceiro nível supõe que a sabedoria é um atributo divino, e que se situa para além da capacidade humana. “O terceiro nível da sabedoria é reconhecido como pertencente a Deus somente, e penetrá-lo está completamente para além da habilidade humana” (CURTIS, 1986, p. 226-227).

PRECEITO E INSTRUÇÃO PARA ANDAR, DEITAR E DESPERTAR

²²em teu andar, conduzirá a ti;
em teu deitar, guardará sobre ti;
e despertarás, ela te cochichará (Pr 6,22).

Este versículo 22 tem três hemistíquios, o que quebra o ritmo dual da sequência do paralelismo hebraico¹⁴. Hemistíquio, literalmente meio verso (*estico*), designa cada linha do verso poético. Nesse caso, os três hemistíquios mantêm o paralelismo, como facilmente se observa¹⁵.

Os três verbos que se referem a ações do ser humano, andar (*hllk*)¹⁶, deitar (*škb*)¹⁷ e despertar (*qys*)¹⁸ possuem sentido bastante claro, neste contexto, como em outros paralelos. Os dois primeiros verbos, andar e deitar, estão no infinitivo, com sufixo de segunda pessoa masculina “de ti”. Por isso, podem ser traduzidos como “ao andares... ao deitares”¹⁹ ou, como preferimos, literalmente, “em teu andar... em teu deitar”.

“Conduzir... guardar e cochichar” constituem as ações do sujeito feminino “ela”, explícito no terceiro hemistíquio, além dos três verbos estarem no mesmo gênero, em hebraico. Assim, poderiam ser traduzidos como “ela te conduzirá”, “ela te guardará”, “ela (*hy*) te cochichará (*šyh*)”²⁰. A personagem feminina “ela”, refere-se, de acordo com diversas pesquisas, à própria sabedoria, feminina, como síntese de preceito e instrução (WALTKE, 2011, p. 446-447). “Sabedoria, que aqui se refere aos princípios parentais internalizados, é descrita em termos sugestivos de personificação” (FOX, 2000, p. 229)²¹.

Cada um dos três hemistíquios possui um sujeito feminino, a sabedoria, que orienta uma ação da vida humana. As três ações sintetizam o ritmo da vida diária, em sua totalidade, o andar durante o dia, o deitar para o sono noturno e o despertar para recomeçar as atividades do dia seguinte²².

No mesmo contexto proverbial, com a recomendação da sabedoria para deliberar de maneira sensata, vem a promessa de caminhar seguro e dormir tranquilo. No caso, as atividades da vida humana são descritas num merismo, isto é, numa síntese entre o caminhar e o dormir, entre o dia e a noite. “Seguirás tranquilo o teu caminho, sem que tropecem os teus pés. Descansarás sem temor, e, deitado, o sono te será suave” (Pr 3,23-24).

Entretanto, os textos deuteronomistas, nos quais provavelmente nossa passagem se inspira, desdobram o ciclo diário da vida para quatro movimentos, dois para o dia e dois para a noite. Visando a totalidade, os autores usam fórmulas antitéticas, assim, sentar se opõe a andar e deitar se opõe a despertar²³. As ações seguem, normalmente, a mesma ordem, conforme ilustram os textos seguintes, muito semelhantes: “sentar e andar, deitar e despertar”. “O que o texto se refere aqui é todo o dia e o tempo todo, não importa qual é a atividade que se faz, não importa se estiver sentado em casa, ou se for deitar para dormir, ou então ao levantar, quando for ao trabalho ou quando viajar” (REINAR, 2010, p. 185). “Tu as inculcarás aos teus filhos, e delas falarás sentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé” (Dt 6,7). “Ensinais aos vossos filhos, falando delassentado em tua casa e andando em teu caminho, deitado e de pé” (Dt 11,19).

A similaridade entre os vários textos aponta para uma tradição sapiencial que oferece indicações para a vida pessoal, familiar e social. Essa tradição recomenda “adquire a sabedoria, adquire a inteligência” (Pr 4,5.7) e aposta que “adquirir sabedoria é melhor do que o ouro” (Pr 16,16). Provérbios propõe esse ideal para o jovem, tornar-se uma pessoa sábia. Ser sábio indica a maneira de viver de acordo com a ética, de maneira justa e correta. Nesse itinerário instrutivo, a sabedoria acompanha cada ação da vida humana, como uma companhia íntima e inseparável. Ela conduz os passos ao caminhar, protege enquanto dorme e aconselha ao despertar. A imagem da sabedoria que conduz a vida humana pode ser associada à ação do pastor que conduz e protege o seu rebanho, conforme o uso do verbo “conduzir” preferido pelo salmista para designar a ação do pastor ou pelo uso frequente em situações de perigo. “Em resumo, os três versetos personificam a sabedoria, que foi internalizada como um superego, um líder, um protetor e um conselheiro” (WALTKE, 2011, p. 447).

²³Pois lâmpada [é] o preceito,
e a instrução [é] luz,
e caminho de vida as exortações [da] disciplina (Pr 6,23).

Os conceitos sapienciais se acumulam neste versículo final²⁴. A proposta se amplia de maneira global, a começar por uma explicação “pois” (*ki*), isto é, porque o preceito do pai e a instrução da mãe, na função de conduzir, guardar e cochichar, constituem uma fonte de luz para a caminhada de vida da pessoa sábia.

A conexão com o contexto anterior se evidencia. “O v. 23 parece recolher os três membros do precedente em outra ordem, já que a lâmpada se usa de noite, enquanto a luz se faz durante o dia” (ALONSO SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 217-218). A correspondência proposta pelos autores é a seguinte:

²² caminhar deitar despertar
²³ caminho de vida lâmpada luz

“Lâmpada” (*ner*) é o candeeiro que se acende à noite; e “luz” (*’ôr*) se refere à luminosidade geral, associada ao dia e ao sol. Metaforicamente, ambas as palavras se referem à vida, e se aplicam a Deus (2Sm 22,9), a sua palavra (Sl 119,105), ou à instrução, como aqui em nosso versículo. A falta de luz representa a morte, quando “a lâmpada dos ímpios se extingue” (Pr 13,9b).

“Preceito” (*miš^ewah*) e “instrução” (*torah*) são repetidos do início (6,20). “Exortações” (*tôk^ehot*) se refere mais a repreensão, castigo ou correção, sendo usado em outras passagens como Pr 1,23; 3,11 (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 699)²⁵.

“Disciplina” (*mûsar*) é um termo frequente na literatura sapiencial²⁶ e se refere a educação, correção ou castigo (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 360). “O ensino da mãe pode incluir *mûsar*, pois Pr 31,1 diz que a mãe de Lamuel *yiss^erattu* ‘instruiu-o’ quer dizer, ensinou-lhe *mûsar* (ambas palavras são da raiz *y-s-r*)” (FOX, 2000, p. 228). *Mûsar* é termo próprio da educação, enquanto ensino para a vida, formação ética e existencial²⁶. “O termo poderia ser traduzido por ‘ensino’ como *tora*, mas em um sentido amplo, talvez próximo do sentido de ‘educação’” (MIGUEL 2013, p. 26).

“Caminho de vida” (*dereq hayim*) é uma metáfora frequente no livro de Provérbios, assim como em toda a Bíblia. A escolha entre dois caminhos constitui um dilema fundamental, com opções para o caminho do bem ou para o caminho do mal. Pessoa sábia e justa toma o caminho da vida para evitar o Xeol (Pr 15,24). Pessoa ímpia e malvada prefere os caminhos (sempre em plural) da morte (Pr 14,12; 16,25) ou do Xeol (Pr 7,27) (FOX, 2000, p. 128-131). O provérbio seguinte ilustra essa realidade: “Caminha para a vida quem observa a disciplina (*mûsar*), quem despreza a correção (*tôk^ahat*) se extravia” (Pr 10,17).

A associação entre luz e instrução, de nossa passagem, é bem estabelecida na Bíblia, especialmente na literatura sapiencial. Por um lado, está a luz, por outro a verdade, revelação divina, *torah* etc. O provérbio seguinte estabelece a relação entre luz e justiça, no contraste habitual entre justos iluminados e ímpios na escuridão: “A luz dos justos é alegre, a lâmpada dos ímpios se extingue” (Pr 13,9).

Pela palavra de Isaías, Deus chama a atenção e propõe: “farei brilhar o meu direito como uma luz entre os povos” (Is 51,4; semelhante a Os 6,5). O salmista invoca: “envia tua luz e tua verdade; elas me guiarão” (Sl 43,3). Jó recorda, nostálgico, a vida sob a proteção divina, justamente com a imagem da luz acesa por Deus para lhe iluminar o caminho: “Quando sua lâmpada brilhava sobre minha cabeça e à sua luz eu andava na escuridão!” (Jó 29,3).

Outro conjunto proverbial sintetiza o pensamento do último versículo, ao apresentar a vida dos justos como um caminhar à luz da aurora, em contraste com a vida dos ímpios que caminham em plenas trevas: "Mas a senda dos justos brilha como a aurora, e vai alumiando até que se faça o dia: o caminho dos ímpios é tenebroso, e não sabem onde tropeçam" (Pr 4,18-19).

PARA SINTETIZAR E CONCLUIR

Apesar de sua brevidade e antiguidade, o texto analisado, de Pr 6,20-23, possui muita relação com a atualidade, no contexto do Pacto Educativo Global, e da Campanha da Fraternidade, sobre sabedoria e amor misericordioso. Na concisão proverbial desses quatro versículos, alguns princípios pedagógicos podem ser identificados e aplicados a qualquer momento e lugar.

A família constitui o primeiro ambiente de transmissão dos valores pedagógicos, éticos e religiosos, no calor da convivência dialógica (v. 20). Pai e mãe possuem autoridade equivalente, ao alertar filhos e filhas para a sabedoria. A chamada de atenção estabelece o diálogo intergeracional, para não se perder o elo de transmissão com a tradição. Nesse diálogo, a escuta filial é preciosa e assegura o laço afetivo e amoroso. Preceito paterno e instrução materna abrangem todas as dimensões da vida para a juventude, tais como ética, justiça e fé. Palavras de sabedoria, transmitidas de pai e mãe para filho e filha, estabelecem uma relação de aprendizado discipular. Os elos da aliança se fortalecem, com o compromisso familiar, educacional, social e religioso.

O amor afetuoso e o discernimento inteligente apontam caminhos didáticos para o sucesso efetivo de uma vida vivida com sabedoria (v. 21). Com uma metáfora magistral, recomenda-se escrever as instruções numa tabuinha dependurada ao pescoço, para serem assimiladas no interior do coração e, dessa forma, serem guardadas na memória e conduzirem à prática eficaz. O coração irradia a vida, como propõe a Bíblia, e a moderna medicina confirma. Coração é o órgão dos afetos e também das decisões. Coração é necessidade básica para um processo educativo global.

A sabedoria conduz todas as ações da pessoa, de uma manhã a outra (v. 22). Ela guia cada passo, durante o dia, como um pastor a conduzir suas ovelhas. Ela vigia o sono, para o repouso tranquilo e reparador. Ela sussurra os primeiros pensamentos ao acordar, para o planejamento de um dia pleno. Nessa síntese de uma jornada diária, a proposta educativa abrange todas as ações do ser humano, para que cada ato seja conduzido por princípios sólidos.

Preceito e instrução de sabedoria representam lâmpada e luz, exortação de disciplina e caminho de vida (v. 23). Nesse pacto global, o caminho é iluminado para que a pessoa não se desvie. Há uma completa integração entre indivíduo, família e sociedade; entre pai, mãe e filho; entre amor afetuoso e inteligência racional; entre atividade, descanso e recomeço; entre falar, escutar e agir. Realiza-se, dessa forma, a educação integral, global e holística.

GLOBAL PEDAGOGICAL PROPOSAL FROM PROVERBS 6.20-23

Abstract: the article analyzes the wisdom instruction of Prov 6.20-23, as an integral pedagogical proposal. It argues that this proverbial text is part of a wisdom tradition that is expressed in

several texts of the Hebrew Bible, especially in the book of Proverbs. The four verses analyzed cover personal, familiar and social education. This proposal of wisdom for life establishes an alliance that integrates generational family dialogue, affectionate and rational love, activity of rest and work, to constitute an enlightened way of life. By visiting an ancient wisdom text, the article aims to shed light on the proposal of the Global Educational Pact and the Fraternity Campaign of 2022. By explaining the sapiential terms of the biblical world, it is hoped to open new inspirations for the pedagogical process of the present time.

Keywords: *Proverbs 6.20-23. Instruction. Education.*

Notas

- 1 O Pacto propõe que todas as pessoas no mundo, instituições, igrejas e governos priorizem uma educação humanista e solidária como modo de transformar a sociedade. Dentre inúmeros estudos sobre este Pacto, recomendamos Sberga (2020).
- 2 O lema da Campanha da Fraternidade é “Fala com sabedoria, ensina com amor”. A frase soa, no original hebraico (Bíblia Hebraica Stuttgartensia, 1967), como “Ela abre a boca com sabedoria (*hokemah*) e a instrução (torah) do amor (*hésed*) está sobre sua língua”. Sabedoria e amor misericordioso fazem parte das qualidades da mulher sábia, elogiada nesse último capítulo do livro de Provérbios.
- 3 Na análise detalhada, adiante, apresentamos a tradução literal, a partir do texto hebraico, tecendo eventuais comentários a esta e a outras traduções em circulação no Brasil.
- 4 No título inserido por algumas traduções, abrangendo os versículos seguintes, a perícopes de Pr 6,20-35, essa conotação é mantida: “Advertência contra a mulher adúltera” (Bíblia Sagrada Almeida, 1993); “Advertência contra o adultério” (Bíblia Tradução Ecumênica, 1994; Bíblia Sagrada CNBB).
- 5 Alguns elementos da análise que segue foram desenvolvidos na dissertação de Mestrado de Silva (2021), em conexão com a educação socioemocional.
- 6 “Preceito” (*mišewah*) em hebraico é singular feminino, o mesmo substantivo que retorna no v. 23a. Habitualmente, as Bíblias traduzem como plural. No singular, como “mandamento”, é traduzido pela Bíblia Sagrada Almeida (1993).
- 7 Para a instrução de Pr 3,1-12, com terminologia semelhante a essa de Pr 6,20-23, pode-se conferir Silva (2012).
- 8 O artigo referenciado (GARMUS, 2005) cita fontes especializadas para fundamentar e ampliar as informações.
- 9 Traduzido, em geral, por “sempre”. A Bíblia Sagrada Almeida (1993) traduz por “sempre” (5,19), e aqui por “perpetuamente”.
- 10 Coração (*leb* e *lebab*) aparece 853 vezes na Bíblia Hebraica (STOLZ, 1978, col. 1177). Provérbios é o segundo livro que mais emprega a palavra coração, após o livro dos Salmos; em Provérbios, o substantivo *leb* se encontra 97 vezes e *lebab* 2 vezes (SUÁREZ, 2010, p. 19, nota 7).
- 11 As traduções para o português deixam transparecer a dupla compreensão da expressão “sobre o coração” (*‘al-leb*). A maioria traduz como “atar ao coração” (Bíblia de Jerusalém, 2012; Bíblia Sagrada Almeida, 1993; Bíblia do Peregrino, 2002; Bíblia Sagrada CNBB, 2006; Bíblia Pastoral, 2014). Faz diferença a tradução “levar-os sempre gravados no coração” (Bíblia Sagrada Vozes, 2001). No primeiro caso, “atar ao coração” significa “levar sobre o peito”, de maneira externa. Já no segundo, “gravar no coração” se refere a “memorizar no coração”, órgão interno. A expressão paralela “amarrar ao pescoço”, com tradução unânime, esclarece que se trata, literalmente, de carregar sobre o peito, como algo visível, mas que inclui, figuradamente, o sentido de decorar, aprender de cor, ou de coração.
- 12 Couroyer (1983) discute em detalhes essa interpretação, cujos argumentos e textos bíblicos principais retomamos aqui. O autor oferece detalhes sobre estas tabuinhas: “Elas consistem em uma tabuinha de madeira, de 0,12 a 0,75 m, revestidas ou não com estuque e que se podia apagar, como nas modernas ardósias” (COUROYER, 1983, p. 427).
- 13 “Escrever sobre a tábua do coração” (Pr 7,3), assim traduzido habitualmente nas Bíblias em português, assume o sentido de “memória” em outras línguas, como “write them on the tablet of your memory” (WHYBRAY, 1972, p. 42); “grave-le dans ta memoire” (LELIÈVRE-MAILLOT, 2000, p. 144); “grábatelos en la mente” (MORLA, 2011, p. 58).

- 14 Com relação ao v. 22a, o aparato crítico da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1967) sugere: “Talvez o hemistíquio seja excedente”. Entretanto, “não há razão suficiente para suprimir um hemistíquio no v. 22, pois os tríticos são usados no livro” (ALONSO SCHÖKEL; VÍLCHEZ LÍNDEZ, 1984, p. 217).
- 15 Skehan (1946) argumenta que este v. 22 está fora de lugar, e propõe deslocá-lo entre 5,19 e 5,20, na ordem “deitar, despertar e caminhar” (b, c, a). Um dos argumentos do autor é que os três verbos estão no singular feminino, “[ela] guiará, guardará e falará”, mas a proposta não se sustenta, a nosso aviso, como explicamos adiante.
- 16 “Andar” é traduzido preferencialmente, nas Bíblias em português, como “caminhar”. O verbo tem o sentido próprio dessa ação de deslocamento, e inclui o sentido figurado da caminhada existencial, ou da conduta ética.
- 17 “Deitar” é tradução melhor que “descansar” (Bíblia de Jerusalém, 2012), porque se refere à ação de dormir, que compõe o tríptico movimento do versículo que envolve toda a vida humana, resumida em caminhar (dia), deitar (anoitecer) e despertar (amanhecer). “Deitares” é a tradução da Bíblia Sagrada Almeida (1993); “dormires” da Bíblia Sagrada CNBB (2006); “junto ao teu leito” é o torneio da Bíblia Tradução Ecumênica (1994).
- 18 “Despertar” ou “acordar”, em sentido próprio, no contexto, se refere a sair do leito pela manhã.
- 19 As traduções preferem “quando andares... quando despertares”.
- 20 “Cochichará” é único em Provérbios (LELIÈVRE-MAILLOT, 2000, p. 144). Significa cochichar, murmurar, sussurrar, falar baixinho, e também meditar (ALONSO SCHÖKEL, 1997, p. 642). As Bíblias traduzem, normalmente, por “falar”.
- 21 Para uma discussão sobre a identificação deste sujeito feminino, pode-se consultar Lelièvre-Maillot (2000, p. 143-144). Os autores concluem: “Nós propomos ver, nesse pronome ‘ela’, a mãe e sua instrução” (p. 149).
- 22 Greenstone (apud WALTKE, 2011, p. 447, nota 19) “observa que os rabinos interpretam ‘quando caminhares’ como uma referência à vida neste mundo, ‘quando te deitares’ como o dia da morte e ‘acordarás’ com a vida após a morte (Sotah 21a e Rashi)”.
- 23 Miller Jr (1970) detalha essas observações. Entretanto o autor não aplica as ações à educação, mas as compara aos amuletos de proteção egípcios à deusa Maat.
- 24 Para Whybray (1972, p. 41) “este verso é uma adição posterior”. A primeira metade seria uma glosa posterior, e a segunda metade teria sido acrescentada para se conformar às regras da poesia hebraica. Seja como for, o versículo faz muito sentido na proposta de leitura que estamos apresentando, para uma visão global de educação.
- 25 “Exortações” (*tôkehot*), a Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1967) sugere ler com algum manuscrito da Vulgata, em singular, “exortação” (*tôkahat*). Mas, em vista do paralelismo e do sentido da perícopé, a correção não se faz necessária (WALTKE, 2011, p. 448).
- 26 “Disciplina” (*mûsar*) ocorre num total de 30 vezes em Provérbios: Pr 1,2.3.7.8; 3,11; 4,1.13; 5,12.23; 6,23; 7,22; 8,10.33; 10,17; 12,1; 13,1.18.24; 15,5.10.32.33; 16,22; 19,20.27; 22,15; 23,12.13.23; 24,32 (LISOWSKY, 1993).

Referências

- ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- ALONSO SCHÖKEL, Luis; VÍLCHEZ LÍNDEZ, José. *Sapientiales I. Proverbios*. Madrid: Cristiandad, 1984.
- BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA (BHS). Editio quarta emendata opera H. P. Rüger. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1967.
- BÍBLIA SAGRADA ALMEIDA. Tradução de João Ferreira de Almeida. *Revista e atualizada*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA (TEB). São Paulo: Loyola, 1994.
- BÍBLIA SAGRADA *Vozes*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.

- BÍBLIA SAGRADA CNBB. Brasília: CNBB, 2006.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2012.
- BÍBLIA PASTORAL (Nova). São Paulo: Paulus, 2014.
- COUROYER, Bernard. La tablette du coeur. *Revue Biblique*, v. 90, n. 3, p. 416-434, jul. 1983.
- CURTIS, Edward M. *Old Testament Wisdom: a model for faith-learning integration*. *Christian Scholar's Review*, v. 15, n. 3, p. 213-227, 1986.
- ESTES, Daniel J. *Hear, my son: teaching and learning in Proverbs 1-9*. Cambridge: Eerdmans, 1997.
- FELLER, Vítor Galdino. Dossiê: Fraternidade e Educação. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, n. 3, 2021. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/issue/view/132/showToc>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- FOX, Michael V. *Proverbs 1-9*. London: Yale, 2000. (The Anchor Bible, 18A).
- GARMUS, Ludovico. Educação dos filhos nos Livros Sapienciais. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 85, p. 30-43, 2005.
- JOÛON, See P. *Locutions hébraïques avec la préposition `al devant leb, lebab*. *Biblica*, v. 5, p. 49-53, 1924.
- KIDNER, Derek. *Provérbios: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1982.
- LELIÈVRE, André; MAILLOT, Alphonse. *Commentaire des Proverbs. III. Chapitres 1-9*. Paris: Cerf, 2000. (Lectio Divina - Commentaires, 8).
- LISOWSKY, Gerhard. *Konkordanz zum Hebräischen Alten Testament*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.
- MIGUEL, Igor da Silva. *Mischlei e mediação educacional: uma análise pedagógica de Provérbios de Salomão*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-07112013-130122/pt-br.php>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- MILLER JR, Patrick D. Apotropaic Imagery in Proverbs 6:20-22. *Journal of Near Eastern Studies*, v. 29, n. 2, p. 129-130, apr. 1970.
- MORLA, Víctor. *Proverbios. Bilbao*: Desclée De Brouwer, 2011. (Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén).
- OESTERLEY, W. O. E. *The book of Proverbs: with introduction and notes*. London: Methuen, 1929.
- PINTO, Sebastiano. “*Ascolta figlio*”: autorità e antropologia dell’insegnamento in Proverbi 1-9. Roma: Città Nuova, 2006.
- REINAR, Haidi Wehrmann. *A figura paterna na família segundo Deuteronômio 6.4-9*. *Vox Scripturae*, São Bento do Sul, v. 18, n. 1, p. 152-205, maio 2010. Disponível em: <http://www.voxscripturae.com.br/>. Acesso em: 15 jan. 2022.
- SBERGA, Adair Aparecida (ed.). Dossiê: Educação, educação católica, pacto educativo global e formação de professores. *Revista de Educação ANEC*, Brasília, v. 43, n. 162, jun./set., 2020. Disponível em: <https://revistas.anec.org.br/index.php/revistaeducacao/article/view/383/210>. Consulta em: 16 jan. 2022.
- SILVA, Karla Giselle Rodrigues da. *A sabedoria e o ensino em Provérbios: uma perspectiva de educação socioemocional a partir de Provérbios 6,20-23*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - PUC Goiás, Goiânia, Goiás, 2021. Disponível em <http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/handle/tede/4746>. Disponível em: 10 jan. 2022.
- SILVA, Valmor da. Meu filho, minha instrução não esqueças. In: GASDA, Élio Estanislau (org.). *Sobre a*

- Palavra de Deus: hermenêutica bíblica e teologia fundamental*. Petrópolis; Goiânia: Vozes; PUC Goiás, 2012. p. 89-102.
- SKEHAN, Patrick W. *Proverbs 5:15-19 and 6:20-24*. *The Catholic Biblical Quarterly*, v. 8, n. 3, p. 290-297, jul. 1946.
- STOLZ, F. Ieb Corazón. In: JENNI, E.; WESTERMANN, C. (eds.). *Diccionario Teológico Manual del Antiguo Testamento*. Madrid: Cristiandad, v. 1. col. 1176-1188, 1978.
- SUÁREZ, Carlos Luis. “Hijo mío, custodia tu corazón porque de él brota la vida” (Pr 4,23): hacia una theologia cordis. *Iter, Altamira-Caracas*, v. 52, p. 13-28, 2010.
- TESSAROLO, Andrea. *Theologia Cordis: apontamentos sobre teologia e espiritualidade do coração de Jesus*. Bauru: EDUSC, 2000.
- WALTKE, Bruce K. *Provérbios: Vol. 1, Capítulos 1-15*. Trad. Susana Klassen. São Paulo: Cultura Cristã, 2011 (Comentários do Antigo Testamento).
- WÉNIN, André. Coeur et affectivité humaine dans le premier Testament. *Theologica*, Braga, v. 46, n. 1, p. 31-46, 2011.
- WHYBRAY, R. N. *The book of Proverbs*. Cambridge: At the University Press, 1972. (The Cambridge Bible Commentary).
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2014.